



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Documentação Pedagógica: experiências com projetos

Sinop, v. 9, n. 1 (23. ed.), p. 249-262, jan./jul. 2018

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

APRENDIZAGEM DOS DEFICIENTES AUDITIVOS NA ESCOLA¹

Luzicléia Souza Fonseca Ribas

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

RESUMO

Este estudo tem por finalidade compreender como ocorre o processo ensino e aprendizagem de alunos com Deficiência Auditiva ou Surdez nos anos iniciais, bem como as interações pedagógicas, buscando conhecerse o mesmo consegue compreender e acompanhar os conteúdos em sala de aula. A base teórica está em, Daisy Maria Collet de Araujo Lima, Marcia Goldfeld, Mirlene Ferreira Macedo Damázio dentre outros. A pesquisa foi desenvolvida por meio da abordagem qualitativa, utilizando de entrevista e pesquisas bibliográficas. Como resultado, percebeu-se que o aluno com característica investigativa aprende e que para o aluno aprender é necessário de práticas contextualizadas e, que tenham sentido para a criança e não apenas para o professor.

Palavras-chave: Aprendizagem. Deficiência Auditiva. Fazeres Pedagógicos.

1 INTRODUÇÃO

A inserção de sujeitos com deficiência auditiva e surdez nas escolas regulares está cada vez mais comum, é importante que se haja respeito com o próximo, sabendo valorizar suas potencialidades. Cada ser humano independente de ter ou não alguma deficiência, tem seu potencial que deve ser reconhecido no convívio

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **OS FAZERES PEDAGÓGICOS NA ESCOLA E O TRABALHO COM DEFICIENTES AUDITIVOS**, sob a orientação da professora Ma. Sandra Pereira de Carvalho, e Co-orientadora Ma. Jussara Mayer Ceron, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2017/2.

social. Todos têm valores, princípios e capacidades de se desenvolver. “O principal papel do professor consiste em promover a compreensão das informações para todos os alunos”. (REDONDO; CARVALHO, 2000, p. 38). O professor é um mediador e sua presença é indispensável, para colaborar com o desempenho dos educando.

Os deficientes auditivos ou surdos podem se integrar e se desenvolver na vida social como qualquer outro indivíduo, pois sua dificuldade está relacionada ao som, é importante que essas crianças sejam incluídas na sociedade não só no papel, mas sim em todos os aspectos, fazendo com que se cumpram os direitos que lhe são estabelecidos. Uma escola para todos só existe quando, seu projeto pedagógico e as práticas cotidianas se preocupam com a formação de sujeitos autônomos e, isso significa dizer que, todas as crianças são capazes de aprender e vivenciar experiências educativas diversas e desafiadoras. Neste sentido, todas as escolas regulares, precisam se preparar para receber crianças que apresentam atributos diferenciais e, com elas desenvolver ações que as potencializem como alunos e como atores sociais.

Desse modo, a pesquisa foi desenvolvida, tendo como objetivo, compreender como se dá o processo de ensino e aprendizagem de crianças com deficiência auditiva ou surdez nos anos iniciais, bem como as interações pedagógicas, buscando conhecer como ocorre a interação de crianças com deficiência auditiva ou surdez com professores e colegas no cotidiano escolar e como os professores trabalham metodologicamente.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 ENTENDENDO A DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Denomina-se deficiência auditiva a diminuição da capacidade de percepção normal dos sons, sendo considerado surdo o indivíduo cuja audição não é funcional na vida comum, e parcialmente surdo, aquele cuja audição, ainda que deficiente, é funcional com ou sem prótese auditiva. (BRASIL, 1997, p. 31).

Nesse sentido, designa-se Deficiência Auditiva a incapacidade reduzida da percepção dos sons, sendo considerado surdo cuja audição é anormal não tendo

nenhuma percepção de som e parcialmente surdo, aquele que consegue ter percepção dos sons. Ainda segundo Brasil (1997, p. 33) a Deficiência Auditiva pode ser congênita causada por hereditariedade como: viroses maternas, doenças tóxicas da gestante, ingestão de medicamentos ototóxicos durante a gestação, ou seja, quando o indivíduo já nasce surdo. É considerada adquirida quando o indivíduo perde a audição durante a vida, quando ocorre meningite, ingestão de remédios ototóxicos dentre outros. Como podemos observar, algumas pessoas desenvolvem ou adquirem a deficiência auditiva no decorrer da vida, sendo umas por acidentes e outras por doenças.

Brasil (1997, p. 33) relata sobre algumas condições que têm se destacado, no âmbito biomédico, como causas potenciais da deficiência auditiva ou a ela associadas:

Causas pré-natais: (A criança adquire a surdez através da mãe, no período de gestação), desordens genéticas ou hereditárias, relativas à consanguinidade, relativas ao fator Rh, relativas a doenças infectocontagiosas, como a rubéola, Sífilis, citomegalovírus, toxoplasmose, herpes, remédios ototóxicos, drogas, alcoolismo materno, desnutrição/subnutrição/carências alimentares, pressão alta, diabetes, exposição à radiação, outras.

Causas Peri - natais: (A criança fica surda, porque surgem problemas no parto), pré-maturidade, pós-maturidade, anóxia, fórceps, infecção hospitalar, outras.

Causas Pós-natais: (A criança fica surda, porque surgem problemas após seu nascimento), meningite, remédios ototóxicos, em excesso, ou sem orientação médica, Sífilis adquirida, sarampo, caxumba, exposição contínua a ruídos ou sons muito altos, traumatismos cranianos, outros.

Acima se percebe algumas causas da deficiência auditiva ou surdez. A capacidade auditiva é classificada como sendo normal, perda leve, moderada, severa e profunda.

2.2 SURDEZ E LINGUAGEM

A linguagem é um meio de comunicação que o homem utiliza para se comunicar e expor seus sentimentos e suas ideias seja através da fala ou da escrita. A linguagem é considerada um sistema ideal de transmissão de conceitos.

A linguagem permite ao homem estruturar seu pensamento, traduzir o que sente registrar o que conhece e comunicar-se com outros homens. Ela

marca o ingresso do homem na cultura, construindo-o como sujeito capaz de produzir transformações nunca antes imaginadas. (LIMA, 2006, p. 15).

Ainda segundo Lima (2006) as crianças que ouvem aprendem a língua portuguesa oral de uma forma semelhante e num espaço de tempo, não podendo esquecer as diferenças individuais. Há crianças, que apresentam dificuldades na aquisição da linguagem oral. Às vezes, a dificuldade aparece no que se refere à percepção e à discriminação auditiva, o que traz transtornos à compreensão da língua oral. Outras vezes, a dificuldade é relativa à articulação e à emissão da voz, o que produz transtornos na emissão da língua oral. Tudo isso pode ou não ter relação com a surdez, visto que muitas crianças que apresentam dificuldades linguísticas não têm audição prejudicada.

A comunicação linguística aponta sendo um dos principais responsáveis pelo processo de desenvolvimento da criança surda em toda a sua capacidade de desempenhar seu papel social integrando na sociedade.

[...] O termo linguagem tem um sentido bastante amplo, linguagem é tudo que envolve significação, que tem um valor semiótico e não se restringe apenas a uma forma de comunicação. É pela linguagem que se constrói o pensamento do indivíduo. Assim a linguagem está sempre presente no sujeito, mesmo nos momentos em que este não está se comunicando com outras pessoas. A linguagem constitui o sujeito, a forma como este recorda e percebe o mundo. (GOLDFELD, 2002, p. 18).

Goldfeld (2002) relata que a crença de que o surdo era um indivíduo primitivo, (que vivia em um período histórico onde a população era pouco desenvolvida), fez com que persistisse no século XV, a ideia de que os surdos não poderiam ser educados, nesse período eles não tinham nenhum direito que garantissem sua educação na sociedade, foi então a partir do século XVI que apareceram os primeiros educadores de surdos. Goldfeld (2002, p. 28) relata que:

Os educadores, assim como atualmente, criaram diferentes metodologias para ensinar os surdos. Alguns se baseavam apenas na língua oral, ou seja, a língua auditiva- oral utilizada em seu país como o francês, o inglês etc. Outros pesquisaram e defenderam a língua de sinais, que é uma língua espaço-visuo-espacial criada através de geração pelas comunidades de surdo. Outros ainda criaram códigos visuais, que não se configuram como uma língua, para facilitar a comunicação com seus alunos surdos. Até hoje existe diversas correntes com diferentes pressupostos em relação a educação dos surdos.

Assim se vê como ocorreu à luta para conseguir que os surdos tivessem sua Língua de sinais reconhecida por todos.

O século XVIII é considerado o período mais fértil da educação dos surdos. Nesse século, ela teve grande impulso, no sentido quantitativo com o aumento de escolas para surdos, e qualitativo, já que, pela língua de sinais os surdos podiam aprender e dominar diversos assuntos e exercer várias profissões. (GOLDFELD, 2002, p. 29).

Nesse período houve um avanço na criação de escolas para surdo dirigido por professores surdos. Goldfeld (2000), diz que a partir de 1860 o método oral ganhou forças e profissionais começaram a investir na aprendizagem da língua oral pelos surdos, alguns profissionais defendiam que a Língua de sinais seria prejudicial para a aprendizagem da língua oral, foi então que foi colocado em votação qual método deveria ser utilizada na educação dos surdos, assim com a votação o oralismo venceu, tendo a língua de sinais proibida. Naquele momento, ocorreu uma grande mudança na educação dos surdos em sentido oposto a educação do século XVIII, quando tanto o surdo, como a sociedade, percebeu a capacidade dos surdos utilizarem a língua de sinais.

Goldfeld (2002, p.31) relata que aoralização passou a ser o objetivo principal da educação das crianças surdas, e para que ela pudesse dominar a língua oral, passavam a maior parte de seu tempo recebendo treinamento oral e se dedicando a este aprendizado. Com o passar do tempo viu-se a necessidade da presença da língua de sinais para que os surdos pudessem se comunicar foi através de pesquisas feitas sobre a língua de sinais que surgiu a necessidade de utilizá-la.

2.3 A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA SURDA

A aquisição da linguagem provoca um padrão de desenvolvimento cognitivo da criança. As funções mentais inferiores, tal como a percepção natural, atenção involuntária e memória natural, com a mediação da linguagem transformam-se em percepção mediada, atenção voluntária e memória mediada entre outros. Enfim, toda a cognição passa a ser determinada pela linguagem, e sendo esta influenciada e moldada pelas características socioeconômicas e culturais, conclui-se que todos esses aspectos influenciam no desenvolvimento cognitivo. (GOLDFELD, 2002, p. 60).

A aquisição de linguagem em crianças surdas inicia-se quando a crianças começam a estabelecer uma relação com o meio, o qual acontece de forma natural e espontânea que acontece a partir da interação com o outro. A linguagem é muito

importante na vida do ser humano e deve ser adquirido o mais breve possível, para que seu desenvolvimento não seja prejudicado.

Segundo Luchese (2002, p.17) ressalta a importância da aquisição da linguagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras), como sendo a língua natural dos surdos que é fundamental para constituição da identidade surda, no desenvolvimento cognitivo, na comunicação, a interação e o ajustamento social.

A dificuldade ao acesso de uma língua que seja oferecida natural e constantemente leva a criança surda a um tipo de pensamento mais concreto, já que é pelo diálogo e aquisição do sistema conceitual que ela pode-se desvincular cada vez mais do concreto, internalizando conceitos abstratos. A aprendizagem tardia de uma língua, como é o caso de muitos que aprendem a Libras na adolescência ou na fase adulta, não possibilita a reversão total deste quadro. (GOLDFELD, 2002, p. 57).

Certamente a surdez provoca dificuldades às pessoas surdas em qualquer sociedade. Essa perda auditiva em sua maioria caracteriza dificuldades na linguagem, que é o meio de comunicação mais importante, no qual todos se expressam e processam a informação. Luchese (2002, p. 18) afirma:

Para que os surdos consigam desenvolver um nível de competência linguística o mais próximo possível do ouvinte- socialmente aceitável-, e a consequente integração social, a abordagem oralista enfatiza o desenvolvimento da linguagem oral pelo treinamento da fala e da leitura labial, habilidade considerada importante para a pessoa surda manter um contato significativo com o mundo ouvinte.

De acordo com Goldfeld (2002), a criança desenvolve sua fala sozinha com a ajuda de um adulto, o qual estimula sua comunicação e seu desenvolvimento intelectual através de tarefas que a criança não realiza sozinha. Ainda segundo Goldfeld (2002) embasado nas ideias de Vygotsky, o início do desenvolvimento cognitivo é intersíquico, ou seja, surge da relação entre o psiquismo do adulto e da criança. Goldfeld (2002, p. 58):

Em todas as situações cotidianas, o surdo que não adquiri uma língua se encontra em dificuldade e não consegue perceber as relações e o contexto mais amplo da atividade em que se encontra, já que para tal seria necessário que seu pensamento fosse orientado pela linguagem. Hoje, sabe-se que estas dificuldades cognitivas são decorrentes do atraso de linguagem, mas a comunidade geral ainda não tem esta compreensão e em muitas situações ainda percebe-se o surdo sendo tratado como um incapaz.

Nota-se que o surdo que tem dificuldade de aprendizagem ocorre devido ao seu retardamento da linguagem e não do seu desenvolvimento cognitivo, e muitas vezes são vistos como incapazes em uma simples tarefa do cotidiano, sendo que todos que tem algum tipo de deficiência auditiva ou tenha a surdez são capazes de aprender, essa aprendizagem acontece num processo lento de aprendizagem, mas todos são capazes de se desenvolver na sociedade.

3 CAMINHOS DA PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio da abordagem qualitativa. “A abordagem qualitativa busca significados, não exige representatividade amostral, trabalha com pressupostos”. (COSTA; COSTA 2011, p.38). O estudo busca conhecer a realidade da aprendizagem da criança com deficiência auditiva nos anos iniciais, utilizando dessa abordagem para a construção dos saberes almejados, o estudo também buscou compreender se os alunos com essa Deficiência Auditiva nos anos iniciais realmente conseguem compreender as disciplinas e se eles conseguem acompanhar a classe e como é a relação e a interação entre os colegas e professores, ambos conseguem se comunicar? De que forma a escola tem trabalhado para garantir que a criança com Deficiência Auditiva se sinta como sujeito social e se desenvolva?

A coleta de dados também foi feita através de entrevista semiestruturada com perguntas estruturadas aberta, gravada com o auxílio de um gravador. Segundo Trivinos (1987, p. 146), relata que:

Entrevista semiestruturada é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam a pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo a medida que se recebem as respostas dos informantes.

A investigação da pesquisa foi feita em uma Escola Municipal de Educação Básica da cidade de Sinop, Mato Grosso, que atende alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. A escola é ampla e procura atender os alunos da melhor maneira possível, ela conta com uma biblioteca, sala de informática, refeitório, secretaria, sala dos professores, espaço para atividades físicas, possui uma sala de

recursos que atendem alunos com algum tipo de deficiência e dificuldades de aprendizagem, a escola também atende 2 alunos com deficiência auditiva um aluno do 3º ano e uma aluna do 5º ano. Foi elaborado roteiro de perguntas para entrevista contendo questões semiestruturada, a entrevista foi feita a três professoras. A pesquisa teve como objetivo, compreender como se dá o processo de ensino e aprendizagem de crianças com deficiência auditiva ou surdez nos anos iniciais, bem como as interações pedagógicas.

Os sujeitos da pesquisa foram três professoras, ambas formadas em Pedagogia. Para que sejam preservados os sujeitos entrevistados da pesquisa, foram utilizados nomes fictícios, (letras e números) para a identificação das mesmas, sendo a professora A, professora B, e professora C. Sendo A, professora da sala de recursos e que também auxilia como interprete de Libras, Bé interprete e C professora da sala regular.

(01) Professora A: Sou formada em pedagogia, tenho magistério, especialização em Educação especial e estou concluindo a sua pós-graduação em interpretação e tradução em Libras e faço psicopedagoga clínica, atuo há 22 anos na área da educação.

(02) Professora B: tenho formação em pedagogia e especialização em psicopedagoga, atua na área da educação há 18 anos.

(03) Professora C: Sou professora regente da turma e Pedagoga especialista em Educação Ambiental com 14 anos de trabalho na área da educação.

3.1 MARCAS DAS ENTREVISTAS

Da pesquisa realizada com as professoras foi questionada a seguinte pergunta: como ocorre a inclusão destes alunos?

(04) Professora A: O aluno é inserido normalmente nas séries de idade certa com um interprete, desde o início, ele tem o direito de ter um acompanhamento, mesmo que ele não saiba a língua de sinais, pois um interprete auxilia bastante, porque vai

nomeando tudo o que ele está fazendo, vai fazendo os sinais, e na sala de recursos se for um aluno que não tem libras a gente inicia do começo, com materiais e figuras ilustrativas, no cotidiano, melhor ainda é que o professor L1(linguagem de Libras) fosse surdo, a lei garante que quem tem que ensinar a língua dos surdos é o professor surdo porque ele conhece a língua.

(05) Professora A: Ultimamente nós estamos trabalhando individualmente, porque nós temos somente dois alunos inseridos esse ano na escola, mas no ano passado nós tínhamos oito alunos, e esses alunos já foram para outras escolas, e esses dois alunos ficaram isolados esse ano, pois, os dois estão separados um estuda de manhã e o outro a tarde, e a gente percebeu uma diferença no desenvolvimento deles, quando eles estão juntos com outro aluno surdo eles trocamdiálogos, tendo uma interação melhor.

(06) Professora B: A escola está preparada com um interprete, e o interprete dá este suporte para haver a interação.

(07) Professora C: Só pelo fato da criança estar inserida na sala normal, já é o processo da inclusão, há também sala de recursos para esses alunos, que é uma forma de incluí-los.

Uma das professoras afirma que o fato do aluno estar inserido na sala normal e com um interprete para auxiliar já é inclusão, mas diante disso penso que não podemos colocar um aluno na escola comum e a mesma se tornar uma copiadora, não é só inserir o aluno no ambiente escolar com direito a interprete e dizer que há inclusão a inclusão é bem mais que isso. Redondo; Carvalho (2000, p.34) afirma que não é colocar a criança surda na escola ou em uma classe comum alegando inseri-la na escola regular; isso corresponderia ignorar sua necessidade de ter um atendimento cuidadoso, capaz de possibilitar o desenvolvimento de todo seu potencial de comunicação.

Quando perguntamos: Quais recursos pedagógicos você utiliza para trabalhar com alunos com Deficiência Auditiva?

A resposta que obtive foi: Na sala de aula são figuras, planejamento adaptado para seu caso, alfabeto de Libras e jogos.

Sobre essa questão Damázio (2007, p.38) sugere que a sala de recursos para o Atendimento Educacional Especializado em Língua Portuguesa deverá ser organizada didaticamente, com uma riqueza de materiais e recursos visuais (imagéticos) para possibilitar a abstração dos significados de elementos mórficos da Língua Portuguesa, um amplo acervo textual em Língua Portuguesa, capaz de oferecer ao aluno a pluralidade dos discursos, para que os mesmos possam ter oportunidade de interação com os mais variados tipos de situação de enunciação e dinamismo e criatividade na elaboração de exercícios, os quais devem ser trabalhados em contextos de usos diferentes.

Uma das perguntas feita para as professoras foi a seguinte: Em sua opinião as escolas estão preparadas para receber alunos com surdez ou Deficiência Auditiva?

(08) Professora A: Sim, aqui em Sinop tem duas escolas preparadas para receber alunos com deficiências, que tem a sala L1 e L2, que tem professor profissional que trabalha na área, algumas escolas têm professores que tem libras, que já ajuda, mas falta muito professor, principalmente interprete para auxiliar os professores, está faltando muito interprete então eu vejo assim, ainda precisa trabalhar essa área de interprete na sala de aula.

(09) Professora B: Não, pois para a escola estar preparada teria que todos os funcionários da escola conseguir se comunicar com os surdos, pois se vê a dificuldade que a professora da turma tem quando a interprete chega a faltar, o aluno fica lá como se fosse uma carteira.

(10) Professora C: Não, não temos interpretes suficiente para os surdos, e deveria ter cursos nas escolas para os professores, pois a grande maioria não sabe nada sobre Libras.

Diante das análises feitas entre as professoras Redondo; Carvalho (2000, p.33) diz que “A inclusão da criança com surdez na escola regular requer uma boa

preparação tanto do aluno quanto da escola, para que ambos se sintam capacitados a participar dessa integração”. Vê-se a grande dificuldade quando a professora B relata que “para a escola estar preparada todo o corpo docente teriam que conseguir se comunicar com os surdos, assim se vê a realidade que esses alunos enfrentam todos os dias. Quando perguntamos: Você acredita que a aprendizagem das crianças com Deficiência Auditiva acontece, e de que forma acontece?

(11) Professora A: Sim, acredito que acontece, mas com essa aquisição da linguagem primeira dele que é a libras, que é uma forma que vou me comunicar com eles, pois se não tem libras não adianta, ele não vai entender, mesmo com a Libras tem falhas tem uma demora de compreensão, porque eles são muito visuais e às vezes em certos conteúdos, é difícil para ele assimilar, então tem que ter um trabalho no horário oposto, e daí trago na sala do L2, (língua portuguesa), eu divido os horários, passo vídeo sobre aquele assunto para poder completar tudo o que ele viu na sala de aula, pois tem que ter esse trabalho oposto, se não ele passa muito pela mente e ele não fixa a compreensão, e a gente vê como eles aprendem, em matemática ele é excelente tem uma habilidade muito boa, domina muito bem, em português ele já reconhece algumas palavras, você dita e ele escreve frase simples, ele já consegue compreender, mas isso é um trabalho de um ano e meio, como ele entrou tardiamente ainda tem que continuar muito para que ele melhore na língua portuguesa, na escrita e na produção, e tem aprendizagem sim com todo esse apoio L1 e L2 e professor interprete na sala de aula, ai funciona.

(12) Professora B: Acredito, depende muito da família em estar junto na escola, apoiar e incentivar.

(13) Professora C: Sim, acontece a criança na verdade começa a conhecer as palavras e relaciona com os desenhos, quando a mesma entende o conteúdo, ela nos fala através da Libras. Porém, para aprender palavras é preciso trabalhar muito a palavra com desenho e o contexto.

Com os relatos das professoras a aprendizagem das crianças auditivas acontece, mas deve levar em conta o atendimento escolar e o especializado, pois o

aluno com Deficiência Auditiva é um sujeito que necessita aprender os conteúdos proposto na escola. “O que caracteriza o aluno surdo ou não é sua capacidade de aprendizagem, e não a deficiência que apresenta. Existe um sujeito com potencial, no qual se deve investir” (REDONDO; CARVALHO, 2000, p. 37).

E quando perguntamos: O aluno consegue acompanhar e compreender os conteúdos que são desenvolvidos pelo professor?

(14) Professora A: Sim, ele acompanha, eu faço a interpretação, quando a falta de compreensão eu procuro fazer esse trabalho no período oposto na sala L2, para ele assimilar melhor essa compreensão e assim vai desenvolvendo a aprendizagem.

(15) Professora B: Eles aprendem, pois eles se concentram mais não ficam batendo papo, escutam um barulho e dispersam igual os ouvintes, eles têm foco, por isso dependem do professor ter estratégia para poder ensinar o aluno com Deficiência Auditiva. As crianças ouvintes aprendem e entendem os surdos.

A professora A e B relatam que os alunos com surdez aprendem e consegue acompanhar a aula, tudo ocorre em um processo lento, maseles conseguem aprender normalmente, com a ajuda das interpretes e as aulas de reforço no período oposto e os recursos existentes na escola. Diante dos apontamentos registrados através das entrevistas, entendemos que a escola deve ter como principal objetivo a garantia de que todos os alunos atinjam com êxito as aprendizagens, independentemente das suas dificuldades e/ou diferenças ao nível cognitivo, emocional e social.

4 CONCLUSÃO

A pesquisa possibilitou ir a fundo e compreender que cabe a escola garantir acesso, inserção de todos os alunos no processo pedagógico. Através das entrevistas percebeu-se que, para haver a inclusão não é só receber um aluno no ambiente escolar e disponibilizar de um interprete, vai muito além disso, para haver a inclusão demanda de profissionais que saibam trabalhar de maneira prazerosa e que venha a contribuir com a aprendizagens dos surdos e principalmente que

saibam a Línguas de Sinais (LIBRAS) para que assim possa haver a comunicação e a interação. Diante disso constatei que a inclusão está em constante construção e que os maiores desafios é encontrar profissionais que dominam a LIBRAS.

Através da pesquisa realizada ficou evidente que a escola tem sala de recursos para atender os alunos com deficiência auditiva/surdo para auxiliar nos fazeres pedagógicos e disponibilizar materiais e recursos pedagógicos adaptados para os alunos deficientes auditivos, que auxiliam no ensino e aprendizagem. Concluindo assim que o aluno com característica investigativa aprende e que para o aluno aprender é necessário de práticas contextualizadas e, que tenham sentido para a criança e não apenas para o professor. Os sujeitos (alunos) possuem inteligência e quando estimulados correspondem aos propósitos pedagógicos.

LEARNING FROM HEARING IMPAIRMENT AT SCHOOL

ABSTRACT²

This study aims to understand how does it occurs the teaching and learning process and the pedagogical interactions of students with hearing impairment or deafness in the early childhood education, seeking to know if these subjects get to understand and follow the contents in the classroom. The theoretical basis is in Daisy Maria Collet de Araujo Lima, Marcia Goldfeld, Mirlene Ferreira Macedo Damázio among others. The research was developed through the qualitative approach, using interview and bibliographic research. As a result, it was noticed that the students holding this defined investigative trait really get to learn, but for this to happen it is necessary some contextualized practices which have meaning for the child and not just for the teacher.

Keywords: Learning. Hearing impairment. Pedagogical Practices.

REFERÊNCIAS

² Resumo traduzido pela Professora Mestre Betsemens B. de Souza Marcelino. Professora Interina do Curso de Letras da UNEMAT/Sinop/MT. Mestre em Estudos da Linguagem pela UFMT/Cuiabá. Graduada em Licenciatura Plena em Letras Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop.

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. RINALDI, Giuseppe (Org.). **Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental Deficiência Auditiva**. v. 1. Brasília: MEC/SEESP, 1997, v. 1.

COSTA, Antonio F.; COSTA, Maria de Fatima Bazorro da. **Projeto de Pesquisa: entenda e faça**. Petrópolis: Vozes, 2011.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez**. Formação continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado. Brasília: MEC/SEEP, 2007.

GOLDFELD, Márcia. **A Criança Surda: Linguagem e Cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 7. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

LIMA, Daisy Maria Collet de Araujo. **Educação Infantil: Saberes e Práticas da Inclusão: Dificuldades de comunicação e sinalização surdez**. Brasília: MEC/SEE, 2006.

PROFESSORA A. **Professora A**: depoimento [ago. 2017]. Entrevistadora: Luzicléia Souza Fonseca Ribas. Sinop, 2017. 4 f. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a aprendizagem do deficiente auditivo na escola.

PROFESSORA B. **Professora B**: depoimento [ago. 2017]. Entrevistadora: Luzicléia Souza Fonseca Ribas. Sinop, 2017. 2 f. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a aprendizagem do deficiente auditivo na escola.

PROFESSORA C. **Professora C**: depoimento [ago. 2017]. Entrevistadora: Luzicléia Souza Fonseca Ribas. Sinop, 2017. 2 f. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a aprendizagem do deficiente auditivo na escola.

REDONDO, Maria Cristina da Fonseca; CARVALHO, Josefina Martins. Secretaria de Educação a Distância. **Deficiência Auditiva**. Brasília, 2000.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa quantitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Correspondência:

Luzicléia Souza Fonseca Ribas. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Mato Grosso, Brasil. E-mail: cleiasfr@hotmail.com

Recebido em: 25 de maio de 2018.

Aprovado em: 29 de maio de 2018.